

# A Encíclica

## “Rerum Novarum”

---

*A Encíclica “Rerum Novarum” é sem dúvida, o mais célebre entre os documentos do chamado magistério pontifício ordinário nos últimos cem anos. Nenhum alcançou tanta repercussão dentro e fora da Igreja já. Nenhum suscitou tantas iniciativas de ordem prática, tantos comentários e interpretações de ordem teórica. Todos os movimentos sociais de inspiração católica desde fins do século passado fizeram da RN sua carta de princípios. Toda a imensa literatura em torno do que se convencionou chamar a “doutrina social” da Igreja reconhece na RN seu texto fundador e sua referência obrigatória. Na verdade, essa grande encíclica, cujo nonagésimo aniversário comemoramos a 15 de maio, pode reivindicar uma importância singular e mesmo única na história recente do ensinamento e da ação da Igreja. Ela abre largamente a esse ensinamento e a essa ação as fronteiras de um mundo novo, o mundo do trabalho, e leva a cabo, assim, o grande movimento de aproximação ao mundo moderno e aos seus problemas que marcou o primeiro decênio do pontificado de Leão XIII. A liberdade humana, a sociedade, o Estado, a cultura e, finalmente, o trabalho;*

*eis os temas das grandes Encíclicas de Leão XIII a partir da sua elevação ao Pontificado em 1878, e que a RN vem coroar. Depois do refluxo de um século, de Pio VI a Pio IX, em que a Igreja hierárquica se situa à margem e à distância das grandes transformações sociais, políticas e econômicas que assinalam o advento do mundo contemporâneo, ela retorna, com Leão XIII, ao centro dos acontecimentos e das idéias. Toma consciência da novidade das situações históricas e, desde as primeiras frases da RN, reconhece que essa novidade se faz sentir de modo mais desafiador no domínio das atividades econômicas e na condição do homem trabalhador. "Sobre a condição dos trabalhadores": esse é propriamente o título da RN. A partir de então o terreno da chamada "questão social" torna-se, para a Igreja, o terreno preferido de uma permanente e intensa presença no mundo do nosso tempo. Iniciativas de toda ordem surgem nesse campo e nele o pensamento teológico renasce com nova força, sob a forma de uma "teologia do social" que cresce em vigorosas ramificações, desde as teologias européias do "mundo" ou das "realidades terrestres" até às recentes teologias latinoamericanas da "libertação". Documentos pontifícios que são outros tantos marcos na evolução do ensinamento social da Igreja, assinalam a posteridade histórica da RN: a "Quadragesimo Anno" de Pio XI, a "Mater et Magistra" de João XXIII, a "Octogesima adveniens" de Paulo VI, sem falar na grande Constituição pastoral "Gaudium et Spes" do Concílio Vaticano II, que pode apontar na RN sua longínqua origem. Se hoje a presença da Igreja se faz sentir mais poderosa do que nunca no coração dos grandes problemas e dos grandes eventos do mundo atual, é preciso reconhecer que essa presença passa pela mediação do seu magistério e da sua ação no campo social. Não é como anunciadora de uma pura mensagem religiosa que a Igreja ocupa o primeiro plano da cena mundial e nacional. É como protagonista a ser levado em conta, na teoria e na prática, dos grandes confrontos sociais e políticos da nossa época. O fato pode ser lamentado por muitos, que nele assinalam o avanço irresistível da secularização destruindo a própria essência religiosa da doutrina e da ação da Igreja. Eis porque se torna imperativo refletir mais uma vez, nesse nonagésimo aniversário da RN, sobre a legitimidade evangélica dessa presença da Igreja no campo sócio-político. De Leão XIII a João Paulo II essa tem sido uma preocupação constante do magistério pontifício: afirmar e provar que a Igreja tem o direito e o dever, em razão da sua missão ou, como diz Leão XIII logo no início da RN, em razão da "consciência do ofício apostólico" de estar presente, pelo ensinamento e pela ação, no terreno dos problemas sociais e políticos. É de se desejar que um dos frutos mais ricos a serem colhidos nessas comemorações da RN seja uma*

*renovada e profunda reflexão teológica sobre os fundamentos da ação social da Igreja. O rigor intelectual do discernimento teológico tornar-se muito difícil nesse campo, dada a injunção de aprioris ideológicos a que o próprio teólogo pode estar submetido e em razão, da complexidade e evolução sempre mais rápida das conjunturas políticas, sociais e econômicas que acompanham os 90 anos transcorridos desde a publicação da RN.*

*Com efeito, lida na perspectiva de um tempo histórico tão vertiginosamente acelerado como o do século XX, a RN apresenta uma face decididamente arcaizante: desde o solene estilo que leva a marca dos eméritos latinistas de que se servia Leão XIII, até às concepções econômicas, sociológicas e mesmo filosóficas dos seus dois principais colaboradores na redação da Encíclica, o jesuíta Matteo Liberatore e o cardeal dominicano Tommaso Zigliara, tudo torna a leitura da RN difícil e penosa ao leitor de hoje não especializado.*

*No entanto, vista sob outra face, a RN permanece extraordinariamente atual para a vida da Igreja. Ela mostra com vigor e nitidez inigualáveis os fundamentos teológicos da presença da Igreja no campo social. Esses fundamentos, como há quase vinte anos se procurou mostrar num estudo sobre a mensagem social de João XXIII publicado por esta mesma revista SÍNTESE (no. de Abril-Junho de 1963) são constituídos por uma antropologia teológica que decorre do mistério da Encarnação e das suas implicações na concepção cristã da história e do homem. Lançando esse fundamento, a RN projeta também as linhas que permanecem como invariantes do ensinamento social da Igreja e são absolutamente normativas para a sua ação. São linhas que devem ser seguidas na construção teórica e na efetivação prática do que poderemos chamar o personalismo social cristão. Nele se afirma que nenhuma mediação econômica, social ou política sob a forma de instituição, estrutura ou ideologia pode pôr em questão a primazia da pessoa humana e dos seus direitos fundamentais: direitos da consciência mas também direitos no campo do trabalho, da cultura, da vida social, da vida política. Na pessoa se realiza o mistério da presença de Deus na história. Sua dignidade é infinita. Para dar um exemplo: embora seja provável que os redatores da RN não tenham captado toda a amplitude da passagem da antiga sociedade de ordens para a moderna sociedade de classes (a restauração das antigas corporações foi uma utopia que perseguiu durante longo tempo o ensinamento social da Igreja) eles intuiram certamente a partir da norma antropológica presente no mistério da Encarnação que a luta de classes não pode servir de chave para uma leitura cristã da*

*história nem de critério para a ação social da Igreja. O iniludível caráter conflitivo da moderna sociedade de classes revela uma profunda injustiça estrutural nessa sociedade, mas a sua superação exige uma reestruturação social infinitamente mais profunda do que aquela que poderia ser obtida pela inversão ou transferência dos chamados "polos de dominação". Eis o que se pode perceber, não obstante a sua feição moralizante, nas fórmulas da RN que tratam desse problema e que 90 anos de ensinamento social da Igreja jamais desmentiram ou atenuaram. Outro exemplo: embora se presuma que os redatores da RN não tivessem senão uma idéia muito limitada da complexidade das relações de trabalho na moderna sociedade industrial, sua visão teológica lhes impõe a afirmação, retomada sem cessar pelo ensinamento posterior da Igreja, de que o trabalho humano, emanação da pessoa, jamais poderá ser considerado um simples meio a ser integrado em estruturas anônimas de produção. O permanente estado de conflito entre o ensinamento social da Igreja e a ideologia capitalista tem aqui sua raiz. Somente a reflexão teológica poderá descobri-la.*

*Em suma, a atualidade da RN não é a atualidade de um documento ou de um texto, não obstante seu enorme significado histórico.*

*É a atualidade de uma presença, hoje mais imperativa do que nunca: a presença da Igreja no campo em que se luta pelo homem, pela sua dignidade, pelos seus direitos, pela justiça que lhe é devida e que é o campo do seu trabalho, vem a ser, da sua plena realização humana. Nessa presença, a Igreja atesta muito mais do que a sua vocação histórica. Atesta a fidelidade à sua missão divina, a fidelidade a Jesus Cristo, Norma da história.*